

# FHC defende correção de desequilíbrios

GAZETA MERCANTIL

-5 MAI 1997

O presidente Fernando Henrique Cardoso entende que o Brasil e outros países em desenvolvimento terão de corrigir os desequilíbrios sociais e a desigualdade de renda se quiserem ser mais competitivos no mercado mundial. Para ele, os asiáticos constituem o melhor modelo de países que responderam positivamente ao ambiente internacional, porque as estratégias que seguiram não foram de forma alguma resposta ao sistema bipolar de poder na guerra fria. Ao contrário, souberam aproveitar "janelas de oportunidade" criadas pela ampliação dos mercados internacionais e pelo fluxo de capitais do Ocidente depois da segunda guerra.

"Eles eram os mais bem posicionados quando as mudanças da estrutura internacional se aceleraram nos anos 80 e 90", escreveu o presidente, em artigo intitulado "A Era Pós-Guerra Fria, uma visão do Sul", um dos vinte ensaios de líderes mundiais lançado sob a forma de coletânea, na semana passada nos EUA.

Em análise sobre os desafios e as oportunidades do período pós-guerra fria, Cardoso reforça o que vê como uma das principais características do mundo atual: a dura competição por uma maior fatia de mercado e mais poder. Por isso, ele está convencido de que o Brasil precisa fazer reformas econômicas e sociais e ter "um

claro compromisso com o fortalecimento da cidadania" sem o que nenhum país será competitivo e forte nas novas circunstâncias mundiais".

O livro "In After the Cold War: Essays on the Emerging World Order" reúne pontos de vistas pessoais sobre a ordem emergente depois do fim da guerra fria de personalidades controvertidas, como o líder líbio Muammar Khadafi, o ex-presidente soviético, Mikhail Gorbachev e o presidente peruano, Alberto Fujimori. Junta Nelson Mandela, presidente da África do Sul, o ex-secretário de Estado americano, James Baker III, e o ex-primeiro-ministro da Índia, Shri Narasimha Rao.

**Em artigo para coletânea, Cardoso diz que, sem avanço social, estabilização econômica será episódio temporário**

A publicação da University of Texas Press foi editada pelo consultor internacional de negócios Keith Philip Lepor, que, analisando as opiniões dos vinte líderes, diz que todos concordam em que o fim da guerra fria resultou em um mundo mais perigoso que requer um novo nível de vigilância e de cooperação.

Para Fernando Henrique, "o Brasil aprendeu as lições dos últimos anos" e está agora num processo de "estabilização combinada com abertura ao comércio internacional, fluxos de investimentos e capitais". O presidente afirma que fornecer aos brasileiros acesso igualitário à educação e saúde é o seu objetivo de longo prazo. "Sem isso, nosso atual crescimento econômico será não mais do que um episódio temporário de interesse acadêmico para alguns economistas", afirma. Diz também que o Mercosul tornou o Brasil mais atrativo como parceiro e que a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) "seria virtualmente impossível durante a guerra fria, quando os países na região eram um palco para a guerrilha".

Na visão de Fernando Henrique, os quatro fundamentos das relações internacionais desde o final da rivalidade Leste-Oeste são a globalização econômica, os fluxos de capital e a busca por "novas vantagens comparativas"; o papel de liderança do comércio internacional de bens e serviços na criação de riqueza; o crescente consenso na comunidade internacional em torno de valores da democracia, direitos humanos, desenvolvimento sustentável e liberdade econômica; e a tendência à integração regional.

O presidente acredita que a integração "cria um sentido de interesse mútuo, cooperação e solidariedade", e cita como exemplo bem sucedido de colaboração o que ocorreu quando houve a crise econômica mexicana no final de 1994. Ele também vê "uma nova oportunidade para o fortalecimento da capacidade operacional de instituições financeiras internacionais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, numa época em que as transações financeiras, como os fluxos de comércio, também têm se tornado global por natureza".

Fernando Henrique defende a ampliação da Organização Mundial do Comércio (OMC) com a adesão de mais países, e diz que o Brasil quer expandir sua participação nos organismos internacionais decisórios mais importantes.

(M.H.T)